

# NÊGO

BOLETIM INFORMATIVO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO —



# Editorial

Conseguimos.

Novamente o NÉGO na rua. Depois de toda a batalha que tivemos para editar o primeiro número, que saiu em julho, a preocupação para que nosso boletim não tivesse uma saída muito irregular. Ai então a luta pelo segundo número, só que desta vez com mais e mais dificuldades, principalmente as de ordem financeira, visto que a cada dia a inflação aumenta e não sendo o NÉGO uma publicação com fins lucrativos, aí a coisa pega e pega mesmo!

Mas nós já tínhamos assumido o compromisso de que o NÉGO seria um meio de comunicação entre o MNU e nossos irmãos negros e todos que lutam contra o racismo. Ao assumir esse compromisso, havíamos tácitamente assumido um outro: o de não medir esforços para ver nossa idéia concretizada. E tal o resultado — NÉGO outra vez!

Se o primeiro número foi bom, este está pra lá de bom, com um número maior de matérias inclusive melhor elaboradas e com algumas novidades, com o roteiro de blocos e afoxés. Também aumentamos a tiragem porque da primeira vez o NÉGO não deu pra todo mundo que queria. Não havíamos imaginado que o sucesso seria tamanho e o que vimos foi nosso boletim se esgotar rápido, rápido e muitos de nossos irmãos ficaram sem ele. Foi um tal de correr atrás do NÉGO, que só vendo e muita gente teve mesmo, foi que tomar emprestado. Mas agora não dê boabeira; segure logo o seu NÉGO, antes que acabe.

AXÉ  
COMISSÃO DE IMPRENSA

## Semana da Consciência Negra

O Movimento Negro Unificado desde sua criação em 1978, vem promovendo atividades comemorativas ao 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra. Através desta data homenageamos ZUMBI, o último líder do Quilombo de Palmares, assassinado em 1695.

Neste ano fizemos o possível para que todas as entidades negras participassem da organização da Semana da Consciência Negra, contribuindo com suas idéias para a realização de um grande evento. Então, desde setembro fizemos reuniões aos sábados à tarde, onde elaboramos a programação da Semana, que este ano vai constar de diversas atividades, como dança, poesia, palestras, músicas, teatro, blocos, afoxés e uma maratona. Tudo indica que vai ser um sucesso e no próximo NÉGO a gente conta como foi.

E não se esqueça de adquirir sua camisa alusiva ao "20 de NOVEMBRO — DIA NACIONAL DA CONSCIENCIA NEGRA".

Se você está interessado em ser um membro do Movimento Negro Unificado, venha nos conhecer. A gente pode se encontrar qualquer sábado às 16:00 hs. no Instituto dos Arquitetos, que fica ali na Ladeira da Praça, Edifício dos Arquitetos, 2.º andar. Apareça!

## 20 DE NOVEMBRO — DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Ir pra a escola é bom. E e não é.

É bom porque a gente aprende uma porção de coisas interessantes, principalmente se é uma boa escola e se a gente não tem que pagar para estudar, aliás duas características difíceis de serem encontradas juntas.

Na escola agente aprende a ler, escrever, somar, dividir, subtrair e até mesmo multiplicar. Mas ao mesmo tempo escola é muito ruim, porque a gente aprende uma porção de coisas erradas ou simplesmente não aprende coisas importantíssimas que todo mundo deveria saber.

Na escola primária me ensinaram que no Brasil não existia racismo, que vivemos numa democracia racial, que aqui negros e brancos têm os mesmos direitos, etc etc etc. Passaram-se alguns longos anos para que eu descobrisse o quanto eram falsas aquelas afirmações.

Imaginem vocês que em 1964, meses depois do golpe de 31 de março, me ensinavam no ginásio, que estávamos vivendo em um país... democrático!

Outra coisa errada que eu e meus colegas ouvimos em sala de aula dizia respeito aos negros que viviam no Brasil na época da escravidão. Segundo nossos professores e os livros "didáticos" que recomendavam, o negro africano não reagiu à escravidão, era uma ser passivo que se deixou escravizar e estava satisfeito com sua condição de escravo; falava-se que os senhores de escravos eram bonzinhos e que a princesa Isabel tinha libertado os escravos. Hoje eu vejo quanto tempo a gente perde na escola, aprendendo coisas que depois têm que ser desaprendidas.

A respeito da submissão do negro escravo, nada mais falso. A reação contra a escravidão começava mesmo durante a viagem nos navios negreiros, quando muitos suicidavam-se atirando-se ao mar ou quando faziam rebeliões, matando os mercadores de escravos. E aqui no Brasil, era muito comum matarem os senhores de escravos, botar fogo nas fazendas, insurreições armadas, a fuga e os quilombos. Quilombos eram aglomerados de negros que fugiam para as matas, tendo organização social, política, econômica e militar própria. Nos quilombos os negros plantavam banana, milho, mandioca, feijão, criavam aves e trocavam seus produtos por outros de que necessitavam com as populações próximas ou saqueavam as fazendas existentes nas redondezas, de onde traziam também outros negros que passariam a ser quilombolas. Vale lembrar que não somente negros viviam nos quilombos, como também índios e brancos e todos que se rebelavam contra o sistema escravista.

Os quilombos constituíam a mais organizada forma de resistência dos negros contra a escravidão. Porisso as autoridades mandavam expedições para destruí-los. As vezes conseguiam, outras não mas sempre a luta era sangrenta pois os quilombos resistiam enquanto podiam e depois partiam para se organizar em outro lugar. Todos foram importantes e de cada um podem se colher experiências válidas para a luta contra a opressão racial, que apesar de toda a resistência, subsiste até hoje.

# o racismo nosso de cada dia

O professor de Direito Penal da Universidade Católica do Salvador e ex-desembargador Francisco Pondé Sobrinho, não aguentou mais a sua não simpatia por negros, seja gari ou doutor. E exteriorizou toda a sua ira no último dia 29, perante uma platéia de mais de trinta alunos do Curso de Direito da referida Universidade. Da para sentir que o homem perdeu mesmo a cabeça, pois sendo ele um advogado, é conhecedor das implicações legais que a sua atitude podia acarretar, porque segundo a lei e, a moral hoje vigente, não se pode discriminar negros, principalmente diante de tantas testemunhas como fizera o professor Pondé.

O caso foi o seguinte: o estudante Lima havia sido aluno do professor em Direito Penal 111, durante a realização de uma prova, Pondé marcou uma, que imaginou ser a de Lima e, o reprovava mesmo que ele fizesse a prova dentro de todos os requisitos exigidos pela norma universitária. Daí a sua surpresa ao ver o negão assistindo aula de Penal IV:

Pondé: como você está assistindo essa aula se eu não lhe provei?

Lima: eu passei nessa matéria e tenho todas as minhas provas em casa que pode comprovar isto.

Pondé: não é possível "Eu marquei a sua prova"

Lima: posso provar ao senhor que conseguir passar

Pondé: este preto, como todo preto, é metido a bonito, e fica me olhando atravessado, como se fosse superior, comigo ele não passou.

Este tipo de postura, reflete a defesa da ideologia da dominação, da exploração e da opressão que tem no racismo a expressão mais bárbara e cruel.

O professor Pondé, com atitudes como essas, reflete e exterioriza propósitos inconsequentes de negar o acesso à Universidade dos negros, que é a maioria da população brasileira.

LUIZ SANTOS

## O ESPELHO DE UM FIM (continuação)

sam-se em condições que não chega nem a eles próprios e muito menos para os filhos que irão ter. E depois disto, o índice de frustrações aumenta e tem como consequência inevitável a desistência dos estudos escolares e perda total de esperança em recomeçá-los. Devido a este episódio triste — presente na vida da maioria dos jovens negros — descarta-se qualquer esperança de aumentar em número aproximadamente igual aos dos brancos; a quantidade de advogados negros, engenheiros negros, arquitetos negros, matemáticos negros, médicos negros, economistas negros e com outras profissões de nível superior.

É importante observar que um dos instrumentos mais eficaz que a burguesia utiliza para relegar estes jovens à condição de estudantes frustrados são os cursos exploradores conhecidos como cursos pré-vestibulares. O sistema burguês ao saber que os jovens negros recém saídos do curso médio (2.º grau) de escolas da rede oficial de ensino não tinham a menor chance de competir de forma igual com jovens brancos recém saídos de escolas secundárias burguesas e detentoras da boa qualidade de ensino, criou os acima citados cursos pré-vestibulares — vulgo "cursinhos" — como uma forma de barrar a esmagadora maioria de jovens negros de conseguir realizar o sonho de ingressar na universidade. E o sistema conseguiu

Como proletários explorados que são, os jovens negros vêm-se impossibilitados de pagar altas quantias mensais pelos referidos cursos. E verdade que uma minoria insignificante consegue pagar, contudo permanece a dúvida de passar ou não no vestibular. E, quando consegue corajosamente vencer essa barreira, a tão insignificante minoria de jovens

negros que concluem cursos superiores, logo cedo se vêm diante de uma outra grande barreira imposta pelo sistema: a grande dificuldade de ser aceito no mercado de trabalho.

Daí, é fácil se concluir que essa insignificante minoria de negros recém saídos das universidades origina um a outra minoria mais insignificante ainda: a dos negros detentores de cursos superiores que conseguem ser aceitos no mercado de trabalho.

O sistema racista, burguês e opressor sabe que é necessário ceder um pouco (permitir a existência de alguns negros exercendo profissões de nível superior) ou porá em risco a sua própria existência. Essa minoria insignificante de negros exercendo profissões como: gerente, advogado de porta de prisão, médico de pronto-socorro sem chance de obter sua própria clínica particular, engenheiro e arquiteto exercendo profissão de nível médio, professor que só consegue o suficiente para comer se trabalhar 24 horas por dia, etc — que estão no mercado de trabalho — são utilizados pela burguesia como "exemplos" para a mitológica democracia racial nos meios internacionais ou mesmo dentro do próprio país.

Enquanto isso, a esmagadora maioria dos jovens negros que não conseguiu realizar seu sonho de ingressar na universidade, ou mesmo a maioria de jovens negros detentora de cursos superiores que recebeu um "não!" do mercado de trabalho, transforma-se em idosos negros derrotados, mantendo-se assim a tradição: perpetuar a existência de anções negros frustrados de desesperanças, mas de que cheguem logo à morte.

Josué

# Já Vai Tarde!

No último 24 de agosto o governador do estado assinou decreto em que a partir do dia seguinte estaria extinto o GEP — Grupamento Especial de Prevenção (para muitos, Grupo de Extermínio de Pretos), organismo ligado à DIVOP — Divisão de Operações Policiais da Secretaria da Segurança (?) Pública.

Criado em abril de 1979, na gestão do atual secretário da segurança pública, coronel Durval de Matos, o GEP teria, segundo os seus idealizadores, uma função básica, que seria a prevenção de fatos de natureza violenta, como assaltos, roubos, e qualquer tipo de crimes.

Ultimamente o GEP era composto de 200 agentes, 5 delegados que chefiavam as diversas equipes, 30 viaturas, várias agressões, muitos feridos e 11 mortes. Isto mesmo! Onze mortes em dois anos de existência. Agora que terminou, deveria ganhar o troféu "A Bala de Ouro" ou "A Metralhadora Padrão".

Entre as 11 mortes, 9 ocorreram em meio a "tiroteios" e 2 foram caso de "lamentável acidente", expressões usadas pelas autoridades após cada morte.

Com a extinção do GEP, seu ex-chefe, sr. Humberto Dantas, que segundo a imprensa local era um dos mais violentos delegados de polícia, passou a ser titular da Delegacia de Acidentes de Veículos, na qual não existe nem xadrez. Os agentes, demais delegados e viaturas foram distribuídos com os diversos outros órgãos da SSP; as violências, agressões e ferimentos ficarão como testemunho da passagem deste organismo que a pretexto de prevenir a violência, praticava-a arbitrariamente a todo momento. E as mortes, as 11 mortes das pessoas que tiveram a infelicidade de cair nas suas garras — todas negras, é bom lembrar, ficarão em nossas mentes, na consciência popular, no coração partido das mulheres, filhos, mães, netos, parentes e amigos das vítimas. Ficarão na fome, na barriga vazia, no corpo doente dos órfãos que ficaram para nos lembrar a todo momento que vivemos em uma sociedade injusta e violenta, onde os fortes mandam e desmandam. As 11 mortes estarão sempre em nossas memórias, como a dizer: CHEGA! BASTA! É PRECISO MUDAR!

Observe-se que quando o governo do estado resolveu acabar com o GEP, já havia mobilização popular no sentido de exigir a sua extinção. Parlamentares já haviam se posicionado nesse sentido e diversos movimentos populares já pensavam em iniciar campanha pelo fim daquele órgão. A Ordem dos Advogados do Brasil-Ba já se preocupava com o assunto; o Movimento Negro Unificado por várias ocasiões havia distribuído com a população, Carta Aberta denunciando a ação do GEP e a violência policial como um todo. Fica assim bem claro que não se tratou de bondade a extinção do GEP por parte das autoridades. O povo estava exigindo; era um processo irreversível.

Entre os 11 casos de morte, houve duas que mais abalaram a população: a do mecânico Francisco de Assis Souza, dia 30 de maio na Boca do Rio e a de D. Valdelice Francisca da Silva, 18 de agosto no subúrbio de Coutos.

Francisco encontrava-se em um bar perto de sua casa quando "os homens" chegaram e pediram-lhe documentos. Como não os tinha, pediu

aos policiais que o deixassem ir em casa pegá-los mas seu pedido não foi aceito. Sua mulher tentou fazê-lo mas Francisco viu um companheiro sendo espancado por não ter documentos, ficou com medo e... saiu correndo. Foi sua última e trágica carreira, pois os policiais lhe meteram BALA pelas costas.

Já D. Valdelice, lavadeira, 59 anos, encontrava-se dormindo na madrugada do dia 18 de agosto e em volta do seu barraco os policiais, que estavam à procura do seu filho Armando Gomes dos Santos. De repente, BALA! No peito esquerdo de D. Valdelice; e o policial afirmou que ao arrumar a porta do barraco, a metralhadora havia disparado, argumento que foi contestado. Foi a 3ª vítima do GEP só em agosto.

Em relação à esses dois acontecimentos, houve comentários em toda a cidade e mesmo em outros estados; a opinião pública ficou abalada. O motivo seria porque se tratava de pessoas inocentes, honestas, trabalhadoras.

Quanto aos outros 9 acontecimentos, breves comentários e nenhuma comoção social. Motivo: eram pessoas tidas como marginais.

Lembrando antes de tudo que a pena de morte é anticonstitucional, cabe-nos considerar que o descaço em relação aos "marginais" não se justifica, pois sem fundamento.

Ao se fazerem considerações ou análises sobre a marginalidade, deve-se considerar uma série de variáveis que decididamente interferem na conduta do indivíduo. Estamos cansados de saber que vivemos em um sistema injusto, onde reina a fome, o desemprego, o subemprego, a miséria. A cada dia as empresas estão demitindo mais e mais empregados; a inflação cada vez mais alta; grande parte da população brasileira é analfabeta, por falta de escolas; no campo a grilagem de terras é cada vez mais intensa. E as grandes empresas, principalmente as multinacionais, explorando a mão-de-obra do brasileiro pagando salários baixíssimos e mandando "nossas" riquezas para fora do país.

Tudo isto se reflete no que se convencionou chamar de... violência urbana, através de assaltos, roubos, furtos, saques em supermercados, praticados pelas vítimas do sistema, aparecendo assim a figura do chamado marginal e daí a solução que o governo encontr para esses problemas é o aumento da violência policial, esquecendo os verdadeiros motivos que criam a violência urbana. Enfim, em vez das causas, atacam os efeitos. E tome-lhe porrada nos negros, nas prostitutas, nos homossexuais, nos estudantes, nos vendedores ambulantes, parlamentares e em quantos se atrevam a protestar contra esse estado de coisas. O conceito de marginal precisa ser revisto.

Em algumas ocasiões, nas batidas policiais, comete-se o ridículo de exigir carteira profissional assinada por empregador, para o indivíduo não levar pau; isto em um país em que a maioria da população é desempregada. Carteira de estudante também não serve como prova de identidade. Na linguagem dos policiais "isso é carteira de vagabundo".

E o mais lamentável é que os policiais que aterrorizam a população são também pobres, negros, moradores de periferias, recebem salários baixos, passam fome, têm filhos que não podem ir à escola por falta de recursos e... levam cacetada quando protestam contra a situação em que vi-

## 20 de novembro...(continuação)

Entre esses quilombos, um se destacou pela bravura dos seus membros, sendo considerado a mais heroica resistência do povo negro contra a escravidão. Trata-se o Quilombo de Palmares, primeira sociedade livre do país, no estado de Alagoas.

Importante é saber alguma coisa sobre a República de Palmares, pois na sua história encontra-se o fundamento do 20 DE NOVEMBRO — DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA. Vejamos alguns aspectos:

- O Quilombo de Palmares ficava situado na Serra da Barriga e existiu no período de 1595 a 1695. Abrigou aproximadamente 25.000 pessoas, negros em sua maioria. Resistiu a dezenas de expedições que visavam destruí-los, organizadas por portugueses e holandeses.

- os domínios de Palmares se estendiam por 27.000 Km<sup>2</sup>. O Quilombo do Macaco, sobre a Serra da Barriga, por sua posição estratégica, era a capital da República de Palmares.

- a economia de Palmares era baseada na mão de obra livre, que se dedicava à produção agrícola e artesanal.

- muitos moradores da região circunvizinha mantinham acordo com os palmarinos: davam-lhes ou trocavam armas, balas, pólvora, roupas e outros artigos para se salvarem dos ataques que os quilombolas realizavam frequentemente saqueando e incendiando casas e fazendas dos opressores.

- havia um sistema de comunicação entre os quilombolas e os outros negros que viviam nas cidades e forneciam informações sobre os planos das autoridades para destruir o quilombo. Esse fato contribuiu muito para que os quilombos, não só o Palmares, se preparassem sempre que uma nova expedição era mandada para destruí-los.

- várias povoações formavam a comunidade palmarina, a saber: Macaco, Amaro, Subupira, Osenga, Zumbi, Acotirene, Tabocas, Andalatituche, Alto Magano, Danbrabanga e outras.

- entre as dezenas de expedições organizadas para destruir Palmares, houve uma, a mais custosa, organizada por portugueses e brasileiros, que partindo para a Serra da Barriga no começo

de janeiro de 1694 com 9.000 homens e em 06 de fevereiro, um mês após, consegue com o uso de canhões, despedaçar as defesas daquele quilombo, destrói a capital de Palmares e massacra a população lá presente. Houve luta sangrenta em que participaram homens, mulheres e crianças. Essa expedição foi comandada por Domingos Jorge Velho, secundado por Bernardo Vieira de Melo. Observe-se que o assassino Domingos Jorge Velho é apresentado pela história oficial como um herói (?!!!).

Em toda a história de Palmares, várias figuras se fizeram destacar pela coragem e heroísmo com que combateram as forças opressoras. O mais importante entre esses heróis foi ZUMBI, líder maior dos palmarinos.

Zumbi combateu com garra durante todo o tempo em que esteve no Quilombo de Palmares. Após o massacre de 1694, reúne 20 guerreiros sobreviventes e continua a luta durante mais de um ano. Em nenhum momento quis conciliar com as autoridades, que frequentemente lhe faziam propostas de se entregar em troca de alguns privilégios. Antigamente dizia-se que Zumbi tinha se suicidado; pelo contrário, resistiu até o fim e foi morto por um ex-companheiro, é morto em combate no dia 20 de novembro de 1695 juntamente com os outros guerreiros.

Pela força, coragem, destreza, honestidade, fé no povo que comandava e principalmente crença na liberdade, Zumbi tornou-se o símbolo da luta de libertação do povo negro. Daí se justificar a atitude valorosa dos negros brasileiros, estabelecendo o dia 20 de novembro, dia da sua morte, como o DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA; uma maneira de homenagear todos os heróis negros, nossos irmãos esquecidos pela história oficial, que sempre lutaram pela liberdade.

O DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA, 20 de novembro, é uma data-símbolo, pois nossa luta é para que todos os dias sejam dias de consciência para o negro, o pobre, o trabalhador, a prostituta, o índio, o homossexual, a mulher, enfim, todos os dias devem ser dias de termos consciência da opressão que nos cerca e da necessidade de lutarmos para sermos LIVRES!

WILSON SANTOS

## I Encontro de Negros do Norte e Nordeste

No dia 15 de julho, logo após a passeata de negros que realizamos no campus da UFBA, local onde se desenrolou a 33.<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC e por sugestão de nossos irmãos do Movimento Negro do Recife, foi realizada uma reunião de negros, com um objetivo que para nós seria um desafio: a realização do I Encontro de Negros do Norte e Nordeste do Brasil.

Há mais de ano já se pensava na realização deste Encontro, não tendo sido possível colocá-lo na prática em virtude mesmo de todas as dificuldades que enfrentamos enquanto negros, e que frequentemente atrapalham nossas atividades. Mas deste vez estávamos decididos e algumas horas de discussões resolveu-se que o Encontro seria realizado — também por sugestão do pessoal do Recife, nos dias 05, 06 e 07 de setembro naquela cidade.

Foi fogo!

Menos de dois meses para preparar um evento de tão grande importância e que já estava na

hora de acontecer. Em tão pouco tempo era muita coisa para se arrumar, como as finanças, divulgação, hospedagem, alimentação, auditório, etc etc etc.

As entidades de cada estado se desdobraram no sentido de enviar um grande número de pessoas, e quanto ao pessoal de Recife, "se mataram" de trabalhar, pois enquanto organizadores do evento o trabalho foi mais árduo. Axé para a turma do MNR.

E depois de tantas dificuldades, o Encontro saiu e muito bom; além de nossas expectativas, pois considerando o pouco tempo para organizá-lo, a falta de grana e dificuldade de intercâmbio, confessamos que muitos de nós esperávamos coisa mais simples. Mas que nada! O que vimos foi Recife transformada em uma "cidade negra", na feliz expressão do povo do MNR.

A partir do dia 03 a gente foi chegando, chegando e de repente estava todo mundo lá, dando prova de nossa capacidade de organização e união.

## I ENCONTRO . . . (continuação)

Imaginem que quando saíamos em grupos para fazer refeições ou providenciar alguma coisa, as pessoas paravam na rua e ficavam nos olhando surpresas, como se fôssemos seres de outro planeta. E observem que Recife tem uma população negra enorme, daí não se poder dizer que o pessoal de lá não estava acostumado a ver negros. O que na verdade aconteceu é que naqueles três dias do Encontro nossa alegria era grande demais e não conseguimos e nem queríamos escondê-la. Parecia estar escrito na testa de cada um de nós: **SOU NEGRO, SIM. E DAÍ?**

Em Recife, se fizeram presentes diversas entidades negras do Norte e Nordeste; de Pernambuco, O Movimento do Recife; o Grupo Negro da Paraíba; do Pará, o CEDENPA — Centro de Defesa do Negro; de Alagoas, a Associação Cultural Zumbi; o Centro de Cultura Negra do Maranhão; da Bahia, o Movimento Negro Unificado, o Bloco Ilê Aiyê, o bloco Malê Debalê, o Grupo Adé Dúdú e o Grupo de Teatro Arupemba, que fez durante o Encontro uma apresentação da peça **A CELA 17**, sobre violência policial e a vida dos presidiários; e do Ceará, um grupo de Fortaleza, ainda em estruturação.

Aproveitando-se a presença de todas essas entidades, juntas pela primeira vez num encontro, regional, foram realizadas diversas reuniões entre elas, em horários alternados com o Encontro propriamente dito. Assim, logo à primeira reunião, em que se cuidou dos últimos detalhes da organização do Encontro, ficaram definidas duas pautas:

- para a reunião das entidades negras
- 1 — Formas de atuação das entidades
- 2 — Movimento Negro e política partidária
- para o Encontro aberto
- 1 — Resistência Cultural do Negro.
- 2 — Dia Nacional da Consciência Negra
- 3 — Memorial Zumbi
- 4 — Violência Policial
- 5 — Mulher Negra
- 6 — O Negro Homossexual

No sábado à noite, deu-se a abertura do Encontro, com pronunciamentos das entidades negras ali representadas, bem como das diversas entidades e pessoas da comunidade de Recife. Foram recitados poemas, apresentadas músicas, e prestou-se uma homenagem póstuma a Olímpio Marques dos Santos, militante negro recentemente falecido.

Nos dias seguintes, domingo e segunda, deu-se prosseguimento às discussões programadas, sendo

o Encontro encerrado na segunda à noite, com a apresentação do relatório final, em que constavam as conclusões dos temas discutidos, além da apresentação de poesias e mais alguns pronunciamentos finais.

Ficou bem claro durante o Encontro, a importância que tem acontecimentos semelhantes e a necessidade de se dar continuidade a essa união e integração entre as diversas entidades negras de todo o país, e em particular do Norte e Nordeste.

Já demos os primeiros passos, mas ainda estamos no começo da nossa organização. Assim, saíram de lá definições importantes a serem encaminhadas até o II Encontro, de maneira que ele seja bastante forte e significativo, com a presença de um número cada vez maior de negros participando. Definiu-se que o próximo encontro será ano que vem, setembro, João Pessoa — Paraíba.

Devemos ir nos preparando desde já para nos fazermos presentes e contribuirmos para a realização deste evento, que será melhor a cada ano que for realizado.

Forte e significativa foi a participação do **ADÉ DUDU** — Grupo de Negros Homossexuais aqui de Salvador no I Encontro de Negros do Norte e Nordeste.

Os membros do Adé Dúdú participaram intensamente de todas as atividades, desde a abertura até o encerramento, e com propostas bastante conseqüentes.

Interessante foi a discussão sobre o negro homossexual, visto que desde a sua criação em 14 de março deste ano o grupo tem mostrado a necessidade de se discutir a dupla discriminação que sofrem os negros homossexuais. No debate foi ressaltada a grande participação de militantes negros homossexuais na trajetória da luta do negro no Brasil. Na ocasião também foi distribuído um Manifesto em que o Adé Dúdú levantava alguns pontos em relação à questão do negro homossexual e mostrava sua posição em relação ao Encontro e às lutas das chamadas minorias.

O Adé Dúdú acredita que numa nova sociedade, democrática e realmente igualitária, não haverá lugar para preconceitos de forma alguma e por isso insiste na necessidade de se refletir imediatamente sobre o homossexualismo, pois somente juntos, unidos e despidos de preconceitos conseguiremos uma verdadeira libertação; e também com uma visão realmente democrática e aberta não só em relação a esta questão, mas no que se refere à opressão como um todo.

PASSARINHO

## O COTIDIANO DE UM JOVEM NEGRO: O Espelho de um Fim

Entre as misérias que os anciãos negros vêm sofrendo, merecem também especial atenção os jovens negros.

Além de uma grande parte desses jovens serem a maioria dos marginais deste país, uma outra igualmente grande é a dos que possuem necessidades no dia a dia de suas vidas. Em grande desvantagem com os jovens brancos, os jovens negros, em inúmeras vezes têm feito tentativas frustradas em conseguir uma vaga na universidade. Considerados como estudantes incapazes intelectualmente — isso devido aos preconceitos impostos pelo

sistema e regime racistas dos quais são vítimas — eles deparam com inúmeras frustrações e desilusões, seja na área da educação ou do trabalho. São eles, a maioria dos proletários que vivem em condições alarmantes.

Os baixos salários que recebem ou as míseras quantias que ganham em biscates, afetam diretamente no cotidiano desses jovens. Torna-se impossível o planejamento de um início de vida conjugal feliz, assim como a sua manutenção. Desesperançosos em obter condições financeiras adequadas para constituir família, os jovens negros ca-

# Para Não Esquecer...

Olympio Marques dos Santos, nascido em Salvador em 01.11.18, filho de Leocádio M. dos Santos e Cyrila M. dos Santos, neto de africanos escravos, cursou o primário na escola Leopoldo dos Reis e o ginásial no colégio da Bahia.

Com a morte do pai em 1936 transferiu-se para o Rio, iniciando sua vida profissional como serralheiro mecânico. Ganhando pouco desistiu da profissão e tentou outras ocupações melhor remuneradas. Nada conseguindo começou a trabalhar como carregador de bebidas e cimento e depois vendedor de apólices. Por fim ingressou na P.M. Foi soldado, cabo e tendo sido obarrado no concurso para sargento, desligou-se da P.M.

Conduzido por um amigo de infância Olympio ingressou na Revista da Semana como revisor. Com a experiência aí obtida conseguiu o registro de jornalista profissional. Atuou na Tribuna Popular, Imprensa Popular, Diário Trabalhista, Diário Carioca, Correio de Manhã, Diário de Notícias, Última Hora, Manchete e outros.

Militante partidário, Olympio Santos ajudou a fundar o MDB, o novo PTB e o PDT.

Ultimamente, além da política partidária militou no Movimento Negro. Foi um dos diretores

do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, IPCN. Realizou palestras e debates sobre a problemática do negro.

Publicou vários artigos e editou seu único livro em 1981, NEGRO LIBERTA-TE, onde denuncia a discriminação e o preconceito racial no Brasil e exige condições humanas para o povo negro.

O lançamento do livro de Olympio Santos aqui em Salvador aconteceu na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC, precedendo um debate histórico do Movimento Negro Unificado, onde ele declamou seu lindo poema NEGRO e falou do seu desejo de ver o negro livre e participante nesse país de maioria negra, dominado por uma minoria "branca".

Aplaudido de pé e com lágrimas nos olhos, Olympio despediu-se de nós. Partiu para junto de Olorum e Zumbi em 4 de agosto deixando em nós a saudade de não ter mais junto a nós o tio negro, combatido, defensor extremado de suas ideias e ideais.

Olympio Marques dos Santos, nossos respeitos.

ANA CÉLIA

## SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

### 14 — SABADO

10:00 hs. — Entrevista Coletiva com a Imprensa

Local: Instituto dos Arquitetos - Ladeira da Praça

14:30 hs. — Debate sobre a Capoeira

Local: Beira Mangue — Plataforma

20:00 hs. — Festa da Consciência Negra

Local: Sociedade Beneficente Tupi

Rua do Baú, 44 — Garcia.

### 15 — DOMINGO

8:00 hs. — Corrida Rústica Zumbi dos Palmares

Local: Boca do Rio ao Abaeté

(Promoção Afoxé Malé Debalé)

15:00 hs. — Festa Infantil

Local: Cacique do Garcia

20:00 hs. — Filmes

Local: Afoxé Obá Nixé

(Pernambúes) Rua Tomás Gonzaga, 58.

### JÁ VAI TARDE! (continuação)

vem (lembra-se da greve da PM no início do ano?).

Em vez de pão, detenção

Em lugar de feijão, voz de prisão

Em vez de casa, cadeia

Em vez de escola, pistola

Se a gente protesta, bala na testa.

Considerando tudo que foi levantado acima, é que o fim de um organismo tão violento como o GEP, que só servia de instrumento para autenticar a exploração do povo, nos deixa prontos para exigir a extinção de outros semelhantes.

GEPearam o GEP e já estava passando da hora.

Nesse sentido a gente pode dizer:

JÁ VAI TARDE!

### 16 — SEGUNDA-FEIRA

19:00 hs. — Debate Quilombo dos Palmares

Zumbi — Consciência Negra

Local: Associação dos Funcionários Públicos

(Rua Carlos Gomes).

### 17 — TERÇA-FEIRA

19:30 hs. — Grupo de Teatro do Ilê Ayê

Debate a Importância dos Blocos e dos Afoxés

Obs.: Debatedores — Representantes: Ilê Ayê —

Malé Tenda de Olorum — Baduê — Olodum.

### 18 — QUARTA-FEIRA

19:30 hs. — Religião Negra como Forma de Resistência — Versos Negros — Recital de Poesia

20:30 hs. — Filme — A Irmandade de Nossa

Senhora da Boa Morte

Local: Teatro Miguel Santana.

### 19 — QUINTA-FEIRA

19:00 hs. — Filme — Compasso de Espera e

lançamento do livro Navio Negroiro

20:00 hs. — Peça Tetral — Navios Negreiros

(Grupo Raizes)

Local: São Caetano (Colégio Consul Schindlé)

21:00 hs. — Mostra de Dança Afro

(no mesmo endereço acima).

### 20 — SEXTA-FEIRA

18:00 hs. — Caminhada da Consciência Negra

Local: Campo Grande ao Terreiro de Jesus

20:00 hs. — 3.º Encontro de Blocos e Afoxés

Local: Terreiro de Jesus

Obs.: Plantão de segunda a sexta-feira, das 14 às

18 horas na porta do T.C.A. — Venda de Camisas,

livros, jornais etc.

# O MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO NA 33.<sup>a</sup> REUNIÃO ANUAL DA SBPC

Obteve resultados bastantes positivos a participação do MNU na 33.<sup>a</sup> Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em Salvador no período compreendido entre os dias 8 e 15 do mês de julho de 1981. Este evento mobilizou aproximadamente 2.000 pessoas provenientes dos quatro cantos do Brasil. O MNU esteve representado tanto nas plenárias como a nível de mesas redondas através de militantes de alguns estados onde o mesmo possui atuação consolidada. Estiveram presentes também negros representando várias outras entidades do país.

Paralelamente às sessões da SBPC realizou-se uma série de reuniões com a presença de um grande número de negros participantes no evento onde foi tirada uma linha de ação conjunta evitando na medida do possível, polémicas em cima das divergências. Dos resultados dessas reuniões paralelas dois pontos podem ser ressaltados: o fortalecimento do Encontro de Entidades Negras e definição da pauta a ser debatida, bem como a decisão quanto a realização da passeata de encerramento envolvendo todos os negros presentes.

O primeiro impacto causado nos negros presentes na reunião da SBPC, foi a notícia dada pela secretaria de que Dr. Rafael Lopez, antropólogo cubano, internacionalmente conhecido, e vice-presidente da Academia de Ciências de Cuba, teve seu visto de entrada no país negado pelo Itamaraty, impossibilitando-nos de ouvir a sua palestra intitulada "OS AFRICANOS E SEUS DESCENDENTES NA HISTÓRIA TÉCNICA DE CUBA". Esta ação reflete a política do governo no sentido de evitar que os descendentes de africanos no Brasil tomem conhecimento da realidade de nossos irmãos em outras partes do mundo, isso torna-se mais claro se analisarmos o fato de que dentre os vinte concidadãos estrangeiros pertencentes aos diversos países, apenas o Dr. Rafael Lopez recebeu o veto, contra o qual foram tomadas várias providências, porém a decisão foi mantida.

No intuito de facilitar e garantir a presença de um grande número de negros nos diversos debates de maior interesse, o MNU condensou em um só documento todos os temas propostos os quais abordaram os seguintes assuntos:

- O Ensino da História na formação da criança e do adolescente.
- Política sociedade e direito.
- O Brasil e o processo de descolonização na África.
- Panorama de arte negra em São Paulo.
- O papel da antropologia e a luta das minorias na sociedade brasileira.
- O ensino da história na formação da criança e do adolescente.
- Instituições negras no Brasil.
- A mulher negra
- Estratégias de sobrevivência de moradores de uma área de pobreza — Maciel.
- Instituições negras no Brasil.
- O negro e a sociedade brasileira, hoje.
- A África no contexto internacional.
- Mulher e participação política.

- Encontro de Entidades Negras.
- Movimentos populares na Bahia (Até a década de 30).
- Historiografia dos movimentos populares no Brasil.
- Violência, Cidadania.
- Desenvolvimento antropométrico e pubertário da criança e do adolescente brasileiros.
- Violência, segurança e criminalidade no Brasil.
- O censo de população de 1980: Novos padrões demográficos?
- Los africanos y sus descendentes en la história técnica de Cuba.
- Uma experiência de arte na África em guerra.
- A dança negra como linguagem de resistência.
- Demografia Histórica no Brasil.
- Pedagogia e marginalidade infanto-juvenil.
- Problemas infanto-juvenil no Brasil — Trabalho, educação e saúde.
- A família da prostituta — Família e parentesco no Maciel.
- Crise cultural brasileira.

Dentre os diversos temas debatidos os que obtiveram maior plenário foram os seguintes:

- A mulher Negra.
- Encontro de entidades negras.
- A dança negra como linguagem de resistência. parentesco no Maciel.

O encontro de entidades negras contou com a presença das seguintes entidades:

- Movimento Negro Unificado — Nacional.
- Movimento Negro de Recife.
- IPCN — Rio de Janeiro.
- CEEA — Rio de Janeiro.
- NAC — São Paulo.
- CEDENPA — Pará.
- Malé Debalé — Bahia.
- Ilê Aiyê — Bahia.
- Malé Cultura e Arte Negra — Bahia.
- Badaué — Bahia.
- Orumilá — Bahia.
- Instituto Cultural Brasil África — Rio de Janeiro.

O tema "A dança negra como linguagem de resistência", apresentado por Ismael Ivo se constituiu juntamente com a mesa redonda composta por Lélia Gonzales, Helena Teodoro, Tereza Cristine Nascimento e Lúcia Helena com o tema "A mulher Negra", nos eventos que mais gerou controvérsias entre os interessados presentes na SBPC.

Na tarde do dia 15 de julho de 1981, os negros presentes na 33.<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC, encerraram sua participação naquele evento com uma caminhada no campus da UFBA, com a participação de aproximadamente 500 pessoas ao tempo em que distribuiu um documento intitulado "Manifesto em Defesa da Ciência", exibindo faixas denunciando a realidade no negro brasileiro. Participaram da caminhada várias crianças negras. O ponto culminante foi o ato público realizado no final do trajeto onde foi lido em uma só voz, sob forte chuva o manifesto distribuído. No dia seguinte a manifestação tornou-se manchete em todos os jornais da cidade.